



“Portugal precisa de construtores de pontes que façam ligação com inovação”

COM UM BALANÇO POSITIVO em matéria de inovação, o país precisa de investir de construtores de pontes que façam a ligação com a inovação. Alguns dos alertas deixados ontem, em Ponte de Lima, num seminário promovido pela CIM do Alto Minho.

PONTE DE LIMA

| Isabel Vilhena |

“Há um puzzle que o país tem que resolver de forma a traduzir a inovação ou potencial de traduzir isso em vendas, em valor acrescentado em primeira linha e com isso em produtividade. O tempo que trabalhávamos a produtividade pelo custo acabou.” O alerta deixado ontem por Alexandre Almeida, Coordenador da Estratégia Nacional para uma Especialização Inteligente (ENEI) na Agência Nacional de Inovação (ANI), no seminário sobre ‘Competitividade, Inovação e Empreendedorismo: Balanço 2014-2020, Perspectivas e Propostas de Acção Alto Minho 2030’, promovido pela Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho) na Villa Moraes, em Ponte de Lima.

Em matéria de inovação, Alexandre Almeida afirma “que o Alto Minho tem um grande caminho a fazer. O esforço de inovação é transversal porque é aqui que vai estar a competitividade dos territórios”.

O Coordenador da Estratégia Nacional para uma Especialização Inteligente destacou alguns passos que foram dados no Horizonte 2020 (fundos comunitários a nível europeu) “que transformou Portugal num beneficiário líquido e isso é sintomático de uma maior aposta das empresas e das universidades lá fora nos programas europeus e nas redes, mas também de maior capacidade destas instituições serem competitivas”, lembrando que “não vamos lá fora apenas pelo dinheiro, mas temos que estar nos sítios certos”.



“Temos muito conhecimento acumulado nas universidades e muitas empresas que querem inovar, mas precisamos de elementos de ligação, de facilitação e o interface assume um papel fundamental na optimização do sistema”, disse o Coordenador da Estratégia Nacional para uma Especialização Inteligente na Agência Nacional de Inovação.



BRUNA OLIVEIRA

CIM do Alto Minho debateu ontem, em Ponte de Lima, a ‘Competitividade, Inovação e Empreendedorismo: Balanço 2014-2020, Perspectivas e Propostas de Acção Alto Minho 2030’

tos junto daqueles que estão na liderança tecnológica e na vanguarda do conhecimento e, por isso, temos que estar nas redes”.

Alexandre Almeida dá nota que “há uma baixa penetração dos programas europeus nos politécnicos, designadamente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) e que é preciso inverter o paradigma”.

Olhando para a evolução, Alexandre Almeida aponta um conjunto de desafios que passam pela transformação de todo o sistema de inovação, ou seja,

criarmos pontes, os elementos que fazem ligação para gerar inovação que terá como consequência o crescimento”. O coordenador acrescentou que “temos muito conhecimento acumulado nas universidades e empresas que querem inovar, mas precisamos de elementos de ligação, de facilitação e o interface assume um papel fundamental na optimização do sistema”.

Alexandre Almeida elege como segundo desafio os novos modelos descentralizados, aliado ao desafio de descarboni-



“Não vamos lá fora apenas pelo dinheiro, mas temos que estar nos sítios certos junto daqueles que estão na liderança tecnológica e na vanguarda do conhecimento e, por isso, temos que estar nas redes e para isso precisamos de ser construtores de pontes”, afirmou ontem Alexandre Almeida.

zação da economia e que vai obrigar a novas formas de cooperação e sermos capazes de estar nas redes e respondermos com flexibilidade.

O coordenador da ENEI chamou ainda atenção para a profunda alteração de paradigmas que implicam uma revolução mental e cultural e que apontam para o Paradigma Sustentável que assenta em cinco grandes pilares: a preservação do capital natural; o capital social (somos o país mais seguro do mundo); a gestão eficiente dos recursos e a governança.